

RelevO

out/2018, n. 2, a.8 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

Imagens desta edição: A capa e a contracapa desta edição foram feitas pelo Caio Beltrão – caiobeltrao.me

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Gisele Barão
Revisão: Mateus Senna
Projeto gráfico: Marceli Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 30/09/2018

Outubro/2018

Disso de dinheiro

Entradas –

Anunciantes: R\$ 200 William Soares; 150 Bruno Meirinho; R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 50 Fisk; Torto Bar; Livrarias Joaquim; Pantim; Alma Gráfica (Total: R\$ 700)

Assinantes: R\$ 310 Editora Penalux; R\$ 115 Elieder Corrêa da Silva; R\$ 100 André Cassias; Cesar Carvalho; Isabel Miguel; Daniel Koganas; Pércles Souza; Helio da Silva Araujo; R\$ 60 Lorena Cunha; Marcel Vieira; Fausto dos Santos; R\$ 50; Renato Ferreira Lacerda; Wallery Giscar; Fernando Martins Almeida; Simone AZ; Bento Cunha; Marco Carvalho; Bruno Lima Nascimento; Silvana Perrella Brito; Edivaldo dos Santos Viana; Stephani Cristini Neto Nascimento; Marcelo Pereira Rodrigues; Faustino Rodrigues; Victor Cruz e Silva; Leandro Rafael Perez; Carlos Machado; Wanda Monteiro; Nathalia Pavese; Belisa Bagiani Pelizaro; Lucas da Costa Morgenstern; Alexandre Brandão; Cátia Moraes; Kerley Carvalhedo; Mariana Marques; Loyana Jacinto; Miriam Adelman; Wanderson Batista dos Santos; Gustavo Lopes; Adriano Esturilho; Lizandra Magon de Almeida; Jonas Rocha Lima; Renan Sparadise; Fabíola Fontana; Alessandro Romio; Andréia Gavita; Pedro Falcí; Maria da Glória Naves; Alice Yumi Sakai; Bebeti do Amaral Gurgel; Vinícius Maurer; Ezequias Souza da Silva; Bruna Muka; Bruno Bianchi; André Luiz Knewitz; Gabriel Rachwal; Rose Cipriano; Alaor Ignácio dos Santos Júnior; Yuri Cortez; Frederico Augusto Messias Vieira; Franck Santos; Marcelo Brum-Lemos; Gléssia Veras; Mauri König; Gabrielle Koster; Pedro Spigolon; Mariana Dias; Sueliton Ribeiro; Ricardo Sabbag; Wallace William de Sousa; Liliana Nakakogue; Alex Carlos Larrossa; Simone Teodoro; Mayara Gomes; Priscila do

Prado; Ricardo Phol; André Paulo Gabriel; André Fellipe Fernandes; Renata Silva Pinto; Karina Ernsen; Laís Valério Gabriel; Bruno Pinho; Lima Trindade; Benilson Toniolo; Marianna Camargo; Ana Claudia Dacoregio; Samanta Carvalho; Eduardo Baggio; Neno Moura; Wilson Moreira; R\$ 25 Rodrigo Brito; José Eduardo Degrazia; R\$ 20 Samanta Sasse (Total: R\$ 5.200)

Saídas –

Gráfica: R\$ 1.640 / Distribuição Curitiba, RMC & PG: R\$ 1.000 / Assinantes & Pontos de Distribuição: R\$ 1.850 / Distribuição motoboy: R\$ 490 / Material de escritório: R\$ 250 / Taxas PayPal & BB: R\$ 100 / Redes ditas sociais: R\$ 30 / Conserto Computador: R\$ 70 Domínio mensal e metafísico: R\$ 18 / Edição-assistente: R\$ 100 / Revisão: R\$ 70 Diagramação: R\$ 100 / Empacotamento: R\$ 40 Capa: R\$ 50 / Infografia: R\$ 70

Custos totais: R\$ 5.878

Receita total: R\$ 5.900

Balanço de setembro de 2018: R\$ 22

Carinho da torcida

GROSSERIA

pst339-amigos@yahoo.com.br Bom dia! Quero dizer que ainda volta e meia pego o **RelevO** e leio um ou dois artigos, mas logo me vem a lembrança o estrago que me fez uma publicação deste jornal. Era uma edição esdrachando o haicai, há cerca de dois anos. Puxa, eu gostava do jornal, mas aquilo foi demais, porque eu amo a arte do haicai e aquilo foi de uma grosseria... Atacar assim, uma arte milenar, com milhões de apaixonados mundo afora, como se fossem o dono da verdade. Acabou com o meu tesão pelo jornal. Agora, cada vez que tento ler alguma coisa nele, logo broxo... Não

sei se isto tem recuperação ou remédio... Começo jogando na cara de quem me fez tanto mal.... Nem vou assinar... Se quiserem publicar minha reclamação, publiquem. Se retornarem, talvez a gente se conheça melhor. Tchau!

Da redação: amigo leitor / com todo respeito / arte milenar / cê faz no banheiro

SUPIMPA

Wladimir Cazé Chegou a edição de setembro do **RelevO** (já em seu oitavo ano de vida) e está supimpa. Todo mês tem poesia, arte gráfica, narrativa, humor — direto na sua caixa de correio. A assinatura anual custa 50 reais e, em Vitória, você também o encontra gratuitamente na formidável Torre de Papel Livros. No expediente é publicado a planilha de custos da edição.

Renata Rocha Mês passado fiz minha primeira assinatura de jornal literário impresso na vida, o **RelevO**. Quando eu era juvenzinha, o pai assinou o diário pra que eu tivesse o que ler em casa, mas não renovamos a assinatura. Depois disso, jornal nunca mais, né? O dinheiro foi pra outras coisas e eu lia os quadrinhos dos exemplares antigos. Então, é com muito apreço (e até, pasmem, satisfação) que o recebi em casa hoje. Produzido em Curitiba, o impresso é sobre a nossa tão querida literatura, feito com muito esmero e de forma independente, o que o torna acessível para nós (R\$ 50 a assinatura anual. Sim, paga uma vez e recebe por 12 meses! Massa, né?). Inclusive, pros(as) amigos(as) empreendedores(as) (cof-cof) tem espaço pra anúncio! Ah, além do jornal, veio um CD de agrado! Tô me sentindo toda old school das artes aqui (risos). Acompanhem o trabalho dessa gente, gente. Vale a pena, viu? Beijó!

INDIRETINHA

Rodrigo Feldt Recebi na minha casa o

periódico literário independente **RelevO**, de Curitiba. A linha editorial preza por altas doses de humor, o ponto alto do jornal. As páginas centrais são hilárias! Mas tem literatura também: nas edições que recebi tinha Manoel de Barros, mangá, entrevista com Marcelo Quintanilha e muita, muita coisa autoral, conto, poema, HQ, ilustrações.... em muito mais quantidade do que o seu contrarrâneo mais famoso....Você, morador de Curitiba, encontra o **RelevO** em vários locais, distribuídos gratuitamente. Você, do restante do Brasil, assine que vale!

CRISES EXISTENCIAIS

Guilherme Bucco O **RelevO** vinha numa sequência muito boa de textos na página 6 do jornal. Na edição de setembro, veio um tipo de texto quebrado em linhas, com rimas, repetições e pá e tals, que me jogou na cara algo que eu já deveria ter notado: preciso ler mais poesia.

PORTUCALE

Isabel Miguel O dia em que chego ao trabalho e tenho em cima da secretária aquele envelope castanho vindo do outro lado do mar, é o melhor dia do mês. Gosto de o abrir, gosto do cheiro, do tamanho, do design. Vou continuar a assinar a versão em papel enquanto puder, mesmo que os portes custem o triplo do jornal. Porque o PDF não tem cheiro, não tem corpo, não multiplica os prazeres.

ASSINANTE 1000: DARWIN OLIVEIRA

Felipe Harmata Sensacional! É quase emblemático o milésimo assinante se chamar Darwin! Já falei algumas vezes: é um baita (leia com voz de craque Neto) número de assinantes. É algo muito forte!

Antonio Carlos Secchin Darwin comprova o evolucionismo do **RelevO** no panorama da imprensa cultural.

Cesar Augusto de Carvalho Vida longa ao **RelevO**.

Claudia Lopes Bório Viva, Darwin!

Cássia Felix Emocionada de participar da jornada, agradeço pela generosidade de todos do jornal e por cada leitor. Vida longa ao querido **RelevO** e a todos por manterem o jornal impresso vivo e crescendo!

Romy Schinzare Trabalho esplêndido! Estou na torcida para os 1.300 assinantes.

Rogério Bernardes Que maravilha! Feliz por ter ajudado a atingir essa marca. Acabei de receber o meu primeiro jornal. Excelente! Melhor decisão que tomei nos últimos tempos.

Laurenço Dutra Jr. Parabéns pela marca, pela fibra, pela coragem e pela guerrilha!

Pedro Tostes Rapaz, 1000 assinantes é coisa bagarai! Parabéns pela marca impressionante!

Darwin Oliveira Só felicidade em vocês terem aparecido por aqui e eu ser o membro 1.000 dessa história. Grande abraços e muito obrigado a todos!

RECLAMAÇÕES
Silvana Perrella Brito Enviei muitos textos por email e vocês nem olharam... Falta de tempo, né!
Da redação: Silvana, estamos melhorando nosso sistema de devolutivas. Tenha certeza que, em breve, daremos as devidas satisfações a todos que nos enviaram textos até hoje.

Dinovaldo Gilioli É importante o reconhecimento da necessidade de melhorar no retorno. É claro que se o jornal solicita, pede textos, tem que, no mínimo, acusar o recebimento (independentemente se vai publicar). O retorno é importante para que o colaborador(a) saiba que o seu texto foi recebido. É uma atitude simpática e respeitosa. Já a publicação, ou não, depende do “conselho” editorial. Talvez vocês pudessem deixar isso mais claro também. Continuem contando com minha colaboração e sinceridade.

CAPA
Milena Britto Um arraso esse desenho da Taíse Dourado! Que artista boa da zorra!

Sonia Prota Que capa linda! Está parecendo que foi um minuano auspicioso.

Luli Penna Peguei meu exemplar no Baba Salim, aqui em Curitiba. Tá maravilhoso!

Itamar Vieira Junior Que capa! Parabéns!

Fabíola Weykamp Que capa! Melhor ainda em mãos! ♥ Aliás, que edição.

MARCELEZA
Patricia Herman Esse projeto gráfico novo, hein, Marceli...

Thássio Ferreira Lindeza de capa embalando tantas boas e promissoras notícias! Parabéns pelo árduo trabalho, pessoal, e que venham mais 300, 500, mil assinantes!

Cristhiano Aguiar Recebi o jornal, adorei! Parabéns!

José Vecchi de Carvalho Caros, gostei muito, muito mesmo do jornal. Arrependo-me por não ser assinante há mais tempo. Parabéns pelo grande trabalho. Abraço!

Luisa Burim Eu amo o jornal! Leio na minha universidade, a Uniandrade, de Curitiba. É o melhor jornal que já li. Interessante, irresponsável e inovador. A última edição está incrível, devorei os textos. Enfim, tomara que vocês multipliquem-se a cada edição!

ATÉ OMBUDSMAN
Giovanni Arceno O **RelevO** é um projeto corajoso. Suplemento literário, editado em Curitiba pelo Daniel Zanella, é um respiro de literatura contemporânea mensal. A diagramação é linda, ilustras fodidonas, os textos são muito bons e até ombudsman tem. Basta inscrever-se pra receber.

Cassiano Ferreira Saudades do Ricardo Lísias. Eu gosto é de ombudsman treteiro!

Diego Giesel Peguei esse jornal na Biblioteca Pública do Paraná. É legal mesmo.

THÁSSIO FERREIRA
Jeane Hanauer Que notícia linda a publicação de “Imenseiro”, do Thássio Ferreira! Eu sou imensamente suspeita rs pra falar. Mas esse poema está incorporado em mim e fica ressoando..! Porque me representa (essa “coisa” que sou rs).

DESAPARECIMENTO
Líria Porto Meu exemplar desapareceu...
UPDATE
Líria Porto O correio entregou sim, eu o recebi no dia que cheguei de viagem... agora não o encontro para ler.

NÃO DESCULPO
Alberto Silva Achei uma ideia natural assinar o relevo do sistema de identificação do Detran. Já está incomum assinar papel de caneta esferográfica em punho, realmente isso lá é verdade. Não desculpo nada, vocês querem que eu assine, fazem o que fazem e depois pedem desculpas. Engraçado. Abraços.

DEMÔNIO DE PAPEL
Leonardo Costaneto Mês passado assinei

o **RelevO**, editado pelo Daniel Zanella, depois de uma boa insistência dele. Que bom que ele insistiu! Só agora pude parar e apreciar com calma a edição de julho/18, que trouxe poema da Amanda Vital, o “demônio” do Antoine Compagnon etc. 50 reais anuais. Isso. Só isso. É muito pouco pra tanto trabalho. Quem decide pela literatura, no Brasil, ainda está quase certo a morrer à míngua, de excesso de esperança, diria meu Mário de Sá-Carneiro. Bom conteúdo, visual limpo. Leitura que flui. Preço justo e ótima distribuição. O **RelevO** ganhou mais um leitor. Evoé!

Amanda Vital Eu amooo o **RelevO**, amo, conteúdo bom demais, e é tão bom por ser jornal impresso, físico, né? A gente fica no Facebook lendo o que o povo tá fazendo, falando e criando, e a gente cansa muito a vista, a janelinha piscando, a distração... Aí chega um jornal e uma iniciativa linda dessas: compilar tudo o que há de literatura em gotas artísticas mensais. É de arrepiar, mesmo. Eu sou assinante com orgulho também.

Poliana Guimarães Esse jornal é ótimo.

Marcelo Pereira Rodrigues Agorinha à tarde, fui buscar minhas correspondências e, dentre tantas, uma me foi especial. Recebi as edições do jornal cultural e literário **RelevO**, de Curitiba. Indico como coisa boa e acabei de fazer a minha assinatura. Investimento certo! Parabéns a toda a equipe.

Fatima Alveira Totalmente apaixonada por esse jornal incrível! Sigo divulgando por minhas paragens, por onde vivo. Sucesso sempre!

Cleunice Lemos Como fico feliz em fazer parte do grupo de assinantes! Ver meu nome na edição de agosto foi incrível! Vocês simplesmente arrasam em tudo: na transparência das informações (R\$), na seleção e na publicação dos textos, na diagramação, na distribuição e em tantas outras funções... Como diz o mestre Ernani Terra, trabalham feito mouros.

Luiz Sassi Parabéns! Adoro o trabalho de vocês. Esse jornal é show.

Cinthia Filetti Santo Marketingeeeeeeee

DIFICULDADES
Patti Cavalcante Insistindo na ingenuidade de achar que vou conseguir colocar em dia a leitura do Rascunho e do **RelevO** ainda nessa vida.

Errata

Na edição passada, grafamos o poema “Fragrante no presídio”, de Tatiana Bicalho, como “Flagrante no presídio”. Eitcha.

Editorial

Qual é o valor do **RelevO**? Mais especificamente: qual é o valor *objetivo* do **RelevO**, um impresso de literatura e de papel, com circulação no atual período histórico?

Sejamos práticos: se o conceito de valor é um desses sobre os quais acadêmicos se digladiam e os adeptos de *mindfulness* entendem como mais uma coisa bela e intangível, adotemos, para os fins dessa discussão, *dinheiro* como sua tradução mais simples.

Neste ano, crescemos em alcance (cidades, estados, países), número de assinantes, logística interna e qualidade editorial. Nossas receitas e nossas despesas aumentaram. No entanto, não evoluímos o suficiente nos anúncios, segmento que persiste um passo atrás em relação aos outros neste jornal.

Se chegamos em mais pessoas, temos mais assinantes e publicamos um conteúdo que julgamos melhor, com critérios internos mais apurados e um conselho editorial mais atuante, por que não conseguimos reverter isso em um corpo maior de anunciantes?

São duas as respostas possíveis: ainda guardamos rancor de anunciantes maiores que nos colocaram em situação de constrangimento editorial em algum momento, querendo, a partir do aporte financeiro regular, apitar em nossas publicações — não funcionou. Todos fracassaram e deixaram, como legado, um certo distanciamento nosso, do tipo “não nos misturamos”. Acreditamos, no momento atual em que vivemos, sermos capazes de definir essa separação estatutária (editorial/financeiro) de modo mais transparente e incisivo.

Além disso, estamos falhando na nossa comunicação. É preciso saber vender o peixe (ou, no caso de um jornal de papel, *embrulhá-lo*), e nós ainda não nos aperfeiçoamos. Somos uma equipe restrita que acaba utilizando suas forças internas para resolver os problemas logísticos cotidianos e captar novos leitores. Campanhas de marketing e de divulgação de nosso alcance ainda não fazem parte da nossa rotina.

Não faz sentido que não sejamos capazes de monetizar um espaço cada vez mais visto, com retorno constante e periodicidade bravamente regular. Temos leitores, o que, no contexto mais amplo do mercado editorial, é algo a ser melhor dimensionado.

A necessidade de aumentar o nosso corpo de anunciantes passa sobretudo por questões de saúde financeira. Precisamos explorar essa possibilidade para que não dependamos tanto das assinaturas, que exigem um esforço logístico contínuo. Nós genuinamente ainda não aprendemos a otimizar o potencial publicitário do Jornal, a essa altura com 6 mil exemplares mensais, espalhado por todos os estados do Brasil e circulando entre núcleos que vão de bibliotecas comunitárias a cafês com menu em francês.

Se você tem ideias, fique à vontade para nos ajudar.

Se a sua empresa ou projeto cultural procura um espaço para divulgar seus serviços, entre em contato conosco.

Uma boa leitura a todos!

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil	
Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca
Belém	Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camba de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Perú
Oitinda	Biblioteca Multicultural Nascledouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Choccolato Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Dist. Federal Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

Locais Relevantes

A map of Brazil with state abbreviations: RR, AP, AM, PA, MA, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA, TO, MT, GO, DF, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, AC, RO. A dashed line connects the Livraria Lume Cultural logo (bottom left) to the Gato Preto logo (bottom right). The Livraria Lume Cultural logo features the text 'Livraria lume Cultural' with a registered trademark symbol. The Gato Preto logo features a stylized cat face and the text 'Gato Preto' with a Facebook URL 'facebook.com/gato preto'.

Livraria Lume www.lumecultural.com.br

Gato Preto facebook.com/gato preto

Pontos de distribuição do jornal RelevO pelo Brasilão doido
Relief journal distribution spots around the Brazilian crazy lands

Fundações Observatório do Livro e da Lettura / Livraria Travesseiro Ribeiro
São João de Bela Vista Bagagem Leve Sebo & Livraria / **Santo André**
 Gambalaria Espaço de Artes e Convivência / **Taubaté** Sebo Estação
 Cultural / **RIO DE JANEIRO** - **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras /
 / Belle Opote Discos e Livros / Bloobs Livraria / Casa do Choro / Espaço
 Oito e Meio / Espaço Saracvira / Livraria da Editora da UFJR / Livraria
 Leonardo da Vinci / Livraria Universo Centro Cultural / Observatório
 Imprensa / Plástico Bolha - **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava / **Paraty**
 Café Pingado / Casa da Cultura de Paraty / Livraria de Paraty / Teatro
 Espaço **ESPÍRITO SANTO** - **Vitória** Torre de Papel / **Guarapari** Banca da
 Lua - **São Mateus** Livraria Sebo & Arte - **Três Rios** Livraria Favorita **GOIÁS**
 - **Goiania** Eve Café Com Livros / Livraria Palavrear **MINAS GERAIS** - **Belém**
Horizonte Armazém do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas / Café 104 /
 Espaço Guajá / Faculdade de Letras UFMG / **Itabuna** Lume Livro e
 / Sebo **Biz Juiz de Fora** Espaço Escalibur / **FLUX** - **Uberlândia** UFU
DISTRITO FEDERAL - **Brasília** Banca da Conceição / Casa Cultural /
 Ernesto Cafés Especiais / Livraria, Café e Bistrô Seboinho / Rapport Cafés
 Especiais e Bistrô - **Ceilandia** Projeto Jovem de Expressão - **Taguatinga**
 ONG Moradia e Cidadania **MATO GROSSO** - **Cuiabá** Metade Cheio **MATO**
GROSSO DO SUL - **Campo Grande** LivraLeParle **ALAGOAS** - **Maceió**
 Casa de Cultura Lusa-Brasileira **BAHIA** - **Salvador** Livraria Boto-Cor-de-
 -Rosa / Livraria e Distribuidora Multimicami **CEARÁ** - **Fortaleza** Livraria
 Lamarca - **Sebo Ellenia** **PARAIBA** - **João Pessoa** Centro Cultural Espaço
 Mundo / Vibeiro Pirata / Quinta Armorial / A Budega Arte Café / Usina
 Cultural Energia - **Cajazeiras** Livraria Universitária **CZ PERNAMBUCO** -
Recife A Vida E Bela Café / Borsoli Café Clube / Centro Cultural Raimundo
 Carrero / Clandestino Café / Lalá Café & Cozinha Afetiva / Livraria Ideias
 Fixa / Malakoff Café - **Garanhuns** Livraria Casa Café - **Olinda** Sebo Casa
 Azul - **Salgueiro** Capabella Sebo **PIAUÍ** - **Terresina** Casa da Cultura / Café
 da Gota Serapê / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão
SERGIPE - **Aracaju** Livraria Escariz **AMAZONAS** - **Manaus** O Alienígena
 Aervo e Espaço Cultural **PARÁ** - **Belém** Fox Video **MARANHÃO** - **São Luís**
AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia
 Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

Projeto Adote uma Biblioteca
Adopt Some Library project



Banca Tatui www.bancatatui.com.br
Desenho por Ângela León

APOIATCHÊLLIS	
Alexandre Guarnieri	Rio de Janeiro
Maurício Limeira	Rio de Janeiro
Ana Paula Oliver	São Paulo
Lis del Barco	São Paulo
Maria Carolina de Bonis	São Paulo
Tchello Barros	São Paulo
Daniel Osiecki	Curitiba
Flavio Jacobsen	Curitiba
Jaciara Carneiro	São José dos Pinhais
Joseani Ribas	Curitiba
Mara Lima	Curitiba
Samantha Abreu	Londrina
Jeison Giovanni Heiler	Jaraguá do Sul
Dinovaldo Gilioli	Florianópolis
Demétrios Galvão	Teresina
Joseani Netto	Santos Dumont

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Políticas públicas

OMBUDSMAN – Gisele Barão

Quando nos tornamos entusiastas da literatura e dos livros, há uma lista de “bandeiras” para carregar além do ato da leitura em si. A instabilidade do mercado editorial, a visibilidade de novos autores e de pequenas editoras, a baixa remuneração dos profissionais, a qualidade dos textos ou da crítica são alguns temas que também merecem atenção.

É preciso reconhecer, por exemplo, que visitar bibliotecas, livrarias, sebos e feiras nos proporciona um tipo de experiência cultural insubstituível. Nós criamos uma “cartografia sentimental” (para usar um termo explorado por pesquisadores da área). A falência de uma livraria, por exemplo, nos atinge como leitores, já que com ela perdemos, inclusive, um possível ponto de distribuição de periódicos. E há quem conheça jornais ou revistas de literatura apenas porque frequenta tais ambientes.

A edição de setembro do **RelevO** publicou uma carta do leitor que se aproxima dessa ideia. “Se uma guria ou piá forem todos os meses na biblioteca pública da sua cidade buscar um exemplar do **RelevO** pra ler de cabo a rabo, e eu puder proporcionar isso, já tô felizona”. O depoimento da leitora ajuda a explicar por que, mesmo com distribuição gratuita, o jornal precisa de assinantes: para proporcionar experiências para mais pessoas, não somente para quem recebe o impresso em casa. Na coluna Maidan da mesma edição, encontramos outra questão preocupante: Mitie Taketani, a curadora da Bienal de Quadrinhos de Curitiba, alerta para a invisibilidade desse tipo de narrativa, seja em editais públicos, feiras ou editoras.

E já que defendemos a valorização da

produção literária em diversos âmbitos, acrescento que uma das formas de incentivo é por meio da informação, da memória. Nesse aspecto, sinto falta de ver no jornal mais informações sobre os autores que colaboram em cada edição. De que cidade eles são? Já têm alguma obra publicada? Hoje, não sabemos mais do que seus nomes. Se um dia o **RelevO** se tornar objeto de estudo acadêmico, o pesquisador terá dificuldades para entender qual é o perfil dos autores publicados. Incluir esses dados seria uma contribuição à história do jornal e aos escritores.

Fortalecer os periódicos literários, remunerar os autores (sei que o **RelevO** tem essa pretensão) e cobrar cada vez mais qualidade das produções são caminhos necessários. Políticas públicas, quando existem, também podem funcionar como estímulo à produção e à circulação de bens culturais. Mas, infelizmente, neste caso andamos a passos lentos: sugiro uma busca por tópicos relacionados ao incentivo à leitura nos planos de governo dos candidatos à Presidência da República. Já adianto que o leitor vai se decepcionar.

Da redação: Gisele Barão, passaremos, a partir da próxima edição, a publicar um um pequeno perfil de cada colaborador, com cidade de nascimento, cidade atual, principal livro ou espaço de divulgação do trabalho. Não fizemos isso antes por mera implicância com os autores/as que nos mandam, em vez de informações sobre o próprio trabalho, dicas de lugares para viajar ou nos contam sobre seus apreços por vinhos baratos ou por animais de pequeno porte. Vamos resolver isso com um pequeno guia de envio de bios no site.

livros | vinis



Joaquim
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



ADVOCACIA

CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
CONTRATOS – TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR
(41) 3564 7194 (41) 984 405 050

FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Abelha Rainha

Neno Moura

Conheci a Abelha Rainha na matinê do Maré Alta. Era o quinto domingo em que eu ia lá. Nesse, estava disposto a tirá-la pra dançar. Eu sou lento, cozinheiro em fogo baixo, demoro pra pegar fervura. Desde o primeiro domingo, quando entrei na escuridão do salão, fixei o olho na Abelha e não o tirei mais dela. É uma beleza essa matinê, você sai da claridade monótona do domingo e, de repente, lá dentro é sábado à noite. O primeiro cuba te faz esquecer o trabalho no dia seguinte. Depois de oito horas de baile, ainda sobra tempo pra esticar no drive ou, pra quem teve sorte, terminar a noite afundado na hidromassagem. Eu ainda não tinha tido essa sorte. Não que não tivesse oportunidade, mas as que surgiram não chegavam a produzir o efeito que a Abelha Rainha exercia sobre mim.

Nas quatro primeiras vezes ela nem me notou. Eu sou quase invisível. Ando em volta da pista, me arrastando pelas paredes. O mais perto que chegava dela era quando ia pedir meu cuba no balcão. Ela estava sempre perto do bar, com mais duas amigas, e dois ou três urubus em volta. Mas a Abelha tinha um ar inatingível. A começar pela altura, tinha uns dois metros aquela mulher. A pele preta e uns cabelos longos, amarelos. Duas argolas enormes em cada orelha, colar de duas voltas no pescoço, pulseiras chacoalhando nos pulsos e um bracelete que fazia saltar as veias do antebraço. Tudo dourado, extravagante, lindo. A boca prateada preparando o degradê para o branco ultrajante dos dentes. Um par de sapatos plataforma que enrijeciam

os músculos da panturrilha e da coxa até chegar na bunda. Mulher nenhuma tinha uma bunda como aquela, sobretudo na matinê do Maré Alta. Bunda de abelha-rainha, mãe de todas as bundas. A barriga reta e o estômago projetado pra frente. E os seios, talvez aí se encontre a chave da minha atração, eram mínimos, seios de adolescente. Tudo isso fazia dela um mulherão como jamais havia visto. Eu passei a rejeitar qualquer mulher que se apresentasse ou se insinuasse pra mim. Virei um súdito silencioso até o quinto domingo.

Me lembrar daquela noite, até hoje, me provoca espasmos, de tal modo que tenho de parar o que quer que esteja fazendo e buscar um lugar privado pra me aliviar. A noite em que tirei a Abelha Rainha pra dançar e os acontecimentos que decorreram desse gesto. Tocava a sessão de xote, e aí eu me viro bem. Já tinha uns quatro cubas na cabeça e, sem pensar, a puxei pela mão e passei o braço atrás da cintura. Sensação indescritível tocar a rigidez da Abelha. Na primeira dança, eu senti que ela estava receptiva. Meu nariz volta e meia

tocava seu colo. Eu comecei a balançar a cabeça pra frente pra sentir mais vezes o cheiro de seu suor. Encostei a boca, era mel. A Abelha demonstrou gostar daquilo. Paguei um gin e ela zumbiu no meu ouvido. Arrepio. No “Morango do Nordeste” não tinha mais como segurar.

Sáimos do baile quando anoitecia. As

amigas ficaram pra trás. É claro que eu dava uma carona. É claro que eu ia pra casa dela. Queria conhecer seu habitat, uma quitinete bem arrumadinha. Sentados na beira da cama, a Abelha “e então, amor, o que quer fazer?”. “Você é a abelha, o ferrão é seu.”, entreguei pra ela. Operário submisso, trabalhei em cima da rainha. A Abelha gozou e adormeceu. Peguei a pochete no pé da cama e tirei o canivete, afiado naquele dia de manhã. Abelha quando pica perde o ferrão. Agarrei o pau pela cabeça e cortei bem na base. Ela acordou com um grito desafinado. Meti o canivete no pescoço, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes. Silenciou. Abelha quando pica morre. Fui embora

Duas argolas enormes em cada orelha, colar de duas voltas no pescoço, pulseiras chacoalhando nos pulsos e um bracelete que fazia saltar as veias do antebraço. Tudo dourado, extravagante, lindo.

deixando muitos rastros, mas até hoje ninguém chegou até mim.

Dia desses, enquanto assistia à TV, descobri que a abelha-rainha não perde o ferrão depois de picar. Pode ferroar o quanto quiser que não morre. Que lástima, pensei. Nunca mais conheci ninguém como a Abelha Rainha.

Bostalhão

Richard Roch

Meu escritor preferido acredita que os gênios devem brincar com as formas enquanto ele é ele mesmo — Jorge Pellegrini: Revelação da Literatura Argentina em 1974 e vencedor do Prêmio América em 1975, o que lhe rendeu uma viagem de três meses à Europa no ano seguinte. Três meses depois de embarcar pra Europa, a Europa estava bem economicamente e a Argentina quebrada, e ele de volta à Argentina.

Numa das primeiras cenas do filme *El Mismo Amor, La Misma Lluvia* (Juan José Campanella, 1999), o ator argentino Ricardo Darín aparece na máquina de escrever pouco depois da câmera passar por um retrato do Cortázar na parede. Acredito que a opinião do meu escritor preferido a respeito dos gênios brincarem com as formas diz respeito ao retrato; conheci Ricardo Darín nesse papel do Jorge Pellegrini quando eu tinha dezenove anos e fiquei encantado. Eu fazia Jornalismo na época e, no filme, Pellegrini escreve contos prum jornal.

O filme se passa num momento de transição política: em 1973, Héctor Cámpora se torna o primeiro presidente eleito democraticamente após os sete anos da sangrenta e silenciosa ditadura militar na Argentina — há uma cena do filme em que o editor-chefe do jornal

pergunta pra um jornalista recém-retornado do exílio forçado na Espanha por qual motivo ele tinha voltado. O jornalista responde que se o editor não entende nada de Jornalismo, não entenderia nada sobre nostalgia. Por fim, o editor apaga o cigarro no chão e diz que a ditadura havia acabado, mas as listas não.

Assim como na ditadura brasileira, os militares argentinos dispunham de listas que orientavam a perseguição a quem se mostrasse contrária ao regime político e comportamental vigente. As listas tinham nomes; muitas pessoas que correspondem a esses nomes ainda permanecem desaparecidas — a Comissão Nacional da Verdade confirma a existência de 210 pessoas desaparecidas durante a ditadura brasileira. Relatos sobre esse período me fazem pensar no quão violento pode ser o silêncio.

Jorge Pellegrini é um bostalhão. Considero-o um personagem muito consciente de suas ações e da consequência de cada uma delas, mas, enfim, é apenas um homem medroso — ou melhor: a representação de um homem medroso que se esconde atrás do talentoso escritor que no filme parece ser. Quando Laura Ramallo (personagem interpretada pela fantástica Soledad Villamil) diz que do jeito que tá, não dá e pede Jorge em

casamento, ele diz que precisa pensar e ela entende o tamanho da decisão. Então se despedem e ele passa a noite com outra mulher — nessa mesma noite Laura encontra o telefone de uma mulher anotado num papel: o papel está na mesa da casa que divide com Jorge há um ano e meio. Ela liga. Uma mulher senta na cama e atende. A mulher diz que Jorge está e que vai passar o telefone. É um momento muito triste.

Daí em diante é o roteiro clássico do homem que tenta se matar depois de trair o grande amor, e que só reconhece como grande amor depois de cagar no pau. *El Mismo Amor, La Misma Lluvia* é um dramalhão, e Jorge Pellegrini ainda é meu escritor preferido porque não li nada do que escreveu — no filme, ele lê alguns trechos dos contos, mas, quando a gente mesmo lê, é diferente. Conhecendo-o como o conheço, depois de tantos anos assistindo esse filme, questionaria a validade da sua escrita a partir de seus comportamentos enquanto homem. A literatura ativa esses mecanismos de correspondência.

Acredito que o filme explora a memória da ditadura com justa seriedade para um dramalhão, e que dos dezenove anos pra cá me correspondo cada vez menos com Jorge Pellegrini. Exceto por um dúvida: ele está naquilo que escreve.

Se a literatura é beat, a adaptação é livre

MAIDAN – Ben-Hur Demeneck

O traço de João Pinheiro já esteve nas páginas do **RelevO** quando entrevistamos Sirlene Barbosa sobre a HQ *Carolina* (“Descubra Carolina”, em novembro de 2017), baseada na biografia da escritora Carolina Maria de Jesus (1914–1977). Nesta edição, o quadrinista retorna para comentar parte da sua obra em que paga tributo à literatura beat.

Não há jovem que não mergulhe na contracultura beat, embalada em experiências de autoconhecimento e desapego aos bens materiais, que não acrescente uma rota 66 (ou BR-101) de rebeldia em sua quilometragem.

A entrevista apresenta como o quadrinista se fez leitor dos beats e como conseguiu adaptar histórias de escritores avessos a convenções. Autor de *Kerouac* (Devir, 2011) e *Burroughs* (Veneta, 2015), Pinheiro colaborou para revistas como *Hipnorama* (Argentina), *Inkshot* (Estados Unidos), *Serafina*, *Rolling Stone* e *Bill* (Brasil). Sua HQ sobre o autor de *Almoço Nu* foi lançada também na Turquia e na França.

Como a literatura beat chegou até você?

A primeira vez em que ouvi falar da literatura beat foi na revista *Chiclete com Banana* [revista underground dos anos 1980 editada pela Circo Editorial]. Depois da décima edição da revista, começou a sair um suplemento que se chamava *Jam*, de “jam session”, e lá eles publicaram uma matéria em três

partes sobre a literatura beat, escrita pelo poeta Claudio Willer [autor do ensaio “Os rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico”], a convite do Toninho Mendes (1954–2017). Lembro que começava falando assim: “Você aprende na escola quando o Brasil foi descoberto, quem foi Pedro Álvares Cabral, mas você nunca aprende o que foi a literatura beat, que influenciou os movimentos juvenis nos anos 1960”. E aquilo foi muito impactante na época. Eu devia ter uns 14, 15 anos. E aí anotei aqueles nomes que eles citavam nas três matérias. Elas falavam de *On the road* [título original de *Pé na estrada*], depois de Neal Cassidy, de Allen Ginsberg, de Burroughs etc. E comecei a procurar esses livros.

[Pé na estrada]

Na época, os livros dos beats estavam fora de catálogo. A editora Brasiliense tinha publicado alguma coisa, mas nos anos 1990 estava difícil de encontrar. E como eu moro na periferia de São Paulo, aqui é muito mais difícil de achar. Aos 16 anos, comecei a trabalhar no Centro como office-boy e na região tem muito sebo. Comecei a procurar pelos exemplares e encontrei o *On the road*. Custava uns R\$ 50, o que hoje deveria valer uns R\$ 200. Para um moleque que ganhava um salário mínimo, era uma grana foda de pagar. Mesmo assim, comprei. Depois que li, foi bem impactante

para mim. Sendo adolescente, aquela prosa trazia algo que tinha muito a ver comigo, apesar da distância geográfica. A tradução era do Eduardo Bueno e ele havia conseguido traduzir legal aquela linguagem para nosso português cotidiano [essa edição havia sido lançada em 1984 e vendera mais de 200 mil cópias]. Aos poucos, depois de *On the road*, fui procurando livros como *Uivo* [*Howl*, 1956], do Ginsberg, o *Almoço Nu* [*Naked Lunch*, 1959], do Burroughs. Tudo tinha começado a partir da matéria publicada pelo Claudio Willer na *Chiclete com Banana*.

O que tem de atemporal nas biografias de Kerouac e Burroughs que o impulsionou a fazer HQs sobre eles?

É a mistura que eles fazem entre a vida e a arte. Não tem separação. Isso se resume bem naquela frase do poeta Roberto Piva [1937–2010] de que “não dá para ser poeta experimental sem ter uma vida experimental”. Ele foi um dos caras que falou pela primeira vez dos beats no Brasil e, apesar de ter os componentes brasileiros na poesia dele, ele tem muito dessa coisa beat de ter uma vida experimental e de trazer a vida para a literatura e vice-versa. Jack Kerouac (1922–1969), por exemplo, planejou escrever *On the road* e foi viajar com a intenção de usar aquela viagem para compor a sua prosa. Isso é bem interessante. Gosto que escrevam de um jeito mais direto, sem muita

elaboração intelectual posterior. De serem mais espontâneos. Essa era a ideia da prosa espontânea do Kerouac.

[Tirando a gravata da literatura]

Os beats quiseram tirar toda a pompa, toda a “gravata” da literatura para trazer seus livros para as ruas ao falarem da sua época. É uma coisa que fascina até hoje. E isso se prova na influência que eles tiveram na literatura e nas artes em geral. Na música, por exemplo, várias bandas punk e pós-punk fazem referência a William Burroughs. Até o Nirvana, via Kurt Cobain, fez homenagens a Burroughs [Ouça “The Priest They Called Him”, com a leitura de Burroughs para EP; Cobain fez um acompanhamento guitarra para a recitação: vimeo.com/54689316. Burroughs também foi convidado para participar do videoclipe da música “Heart Shaped Box”, do álbum *In Utero*. Declinou o convite].

Como a leitura de Burroughs lhe influenciou como artista?

William S. Burroughs (1914–1997) me influenciou mais artisticamente do que os outros por aplicar o método da colagem, de pegar trechos de obras de outros artistas para compor sua obra. Era algo que os dadaístas já faziam, mas Burroughs o apresentou de um modo mais completo. Ao menos no caso de usar o *cut-up*, sabe? [Segundo artigo de Paulo César

Rodrigues Diógenes, o método se caracteriza “pela composição de textos em cortes permutatórios, feitos a partir da justaposição de diferentes fragmentos textuais impressos, previamente existentes, selecionados das mais diferentes fontes (obras literárias, jornais, a Bíblia, tratados médicos, canções pop, gravações ao acaso, discursos televisivos, os próprios escritos de Burroughs, etc)”, *Línguas e Letras*, 2012] E quando fui fazer um trabalho sobre ele, mergulhei nesse método. Eu tinha uma ideia inicial, um *plot*, mas não escrevi um roteiro fechado antes. Fui criando sequências e completando a história conforme ia trabalhando nas páginas. É um negócio meio insano, que não indico para ninguém. Mas, como eu tinha uma ideia geral do que seria, foi tranquilo manejar. Já tinha uma ideia visual de como trabalhar o desenho e a viagem da história. Me permitiu criar de um modo mais livre.

Como você definiu um roteiro sem perder de vista a paranoia e o vício do personagem Burroughs?

O *plot* inicial da história do Burroughs eu tive de um jogo de videogame. E aí é “loco”, porque eu não manjo nada de videogame. Mas vendo aquele jogo GTA [sigla de *Grand Theft Auto*, jogo eletrônico de ação-aventura desenvolvido pela Rockstar North], imaginei substituir aquele personagem que fica dando rolê pela cidade, dando porrada e tiro em todo mundo pelo personagem do William Burroughs mesmo. Mostro ele como um escritor viciado em heroína, perseguido por agentes do Controle, uma coisa que ele colocava nos textos dele, e manifestando seu pensamento de a linguagem ser um vírus. Nesse jogo, ele seria o personagem tentando fazer contatos. O tempo todo ele seria perseguido e, conforme ele não conseguisse encontrar heroína, esse jogo ficava mais louco, mais surrealista, é quando aparecem mais personagens estranhos, bizarros, mutantes.

[Guilherme Tell real e fatal]

A própria história de como o Burroughs virou escritor orientou meu roteiro. Ele mesmo disse, já mais velho, que não seria se não fosse o incidente ocorrido entre ele e a esposa, Joan Vollmer (1923-1951). Ela ficou com um copo sobre a cabeça e, ele armado, disparou com uma arma de fogo e lhe

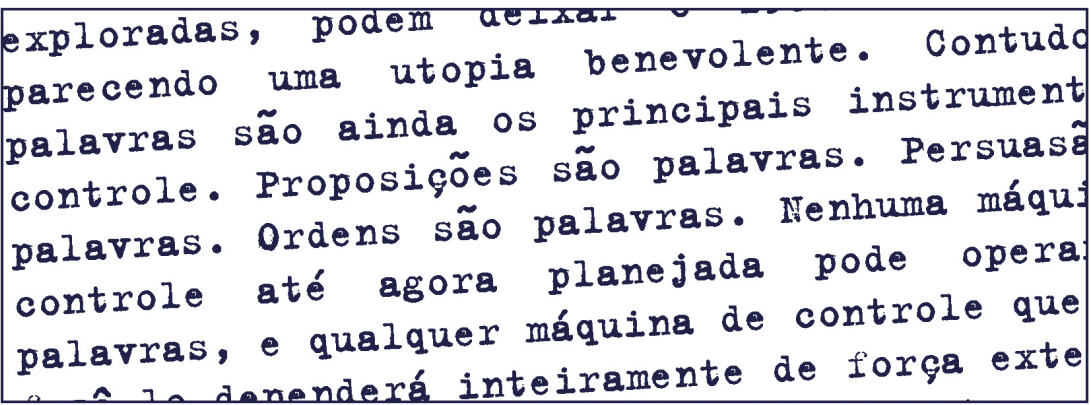
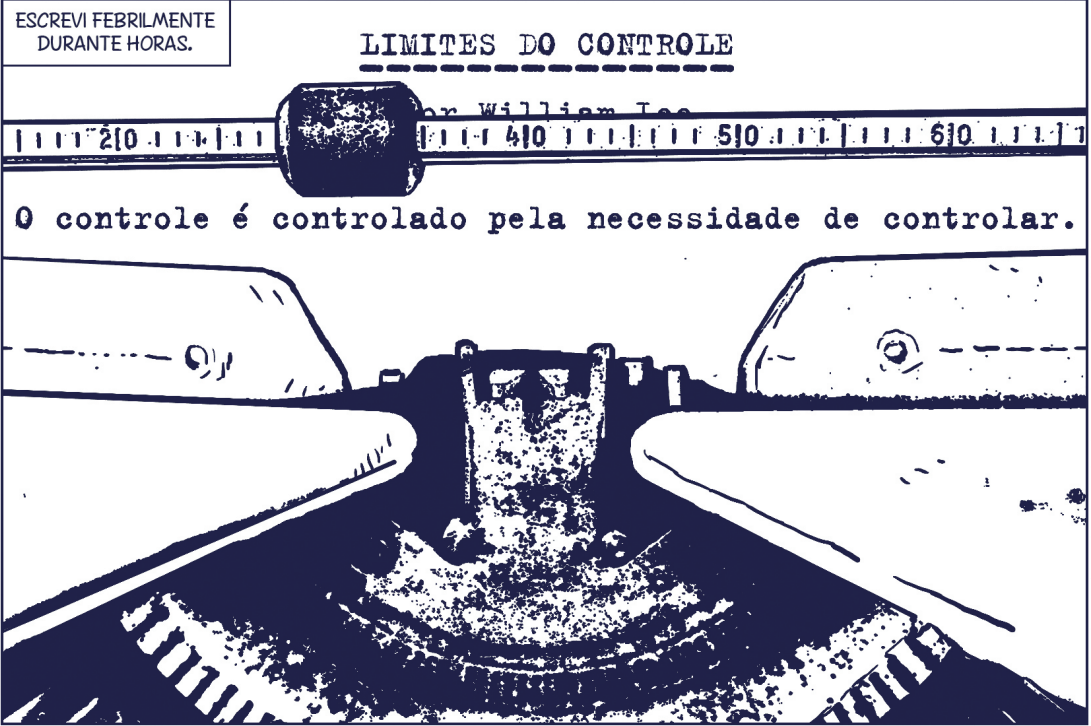
atingiu na cabeça, o que a matou. Segundo ele, caso não tivesse ocorrido esse evento, ele não teria se tornado escritor. Ele fala disso em entrevistas quando ficou mais velho. Foi um evento importante e que precisou escrever para tentar se libertar de uma entidade que tinha se apossado dele. A história da minha HQ começa com o assassinato da Joan e depois segue para a busca de expulsar essa entidade que o invadiu. Nessas buscas, ele encontra personagens e situações que lhe dão pistas para sair fora dessa loucura. Essa foi uma base do roteiro que eu tinha, conforme criava de forma mais experimental. Havia esses dois eixos: a do “jogo” e a de mostrar como ele se tornou escritor, depois de passar por esse episódio.

Que descobertas e contatos estabeleceu enquanto pesquisava para escrever e desenhar seu Burroughs?

Em 2014, ocorreu o centenário do nascimento do Burroughs e eu tive a ideia de fazer um site onde eu convidei vários artistas visuais, poetas e todo mundo que se sentisse contemplado pela obra do Burroughs. E eu comecei a publicar tiras semanais sobre o Burroughs no site chamado que chamei de “*Interzone Game*”, que era a ideia do jogo. Conforme criava, publicava. Não tinha um roteiro prévio, apenas uma base que ia manejando a cada atualização.

[Burroughs em todo lugar]

A ideia de criar um site era para



ARTE E PENSAMENTO - A influência de William Burroughs ultrapassou as artes e influenciou pensadores como Gilles Deleuze (1925-1995). O filósofo francês desenvolveu o conceito de “sociedade do controle” no livro “Mil Platôs”, com Félix Guattari (1930-1992), e no artigo “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. A reflexão ampliou a ideia de sociedade disciplinar identificada por Michel Foucault (1926-1984).

gerar coisas fora dele. Foi quando montamos uma exposição no Cemitério de Automóveis, espaço comandado pelo Mário Bortolotto na Rua Frei Caneca, em São Paulo. O evento contou com participação do Claudio Willer e do Eduardo Bueno e de mais uma galera que a gente conseguiu trazer em parceria com o Cemitério. Foi bem legal ter essa reverberação para fora. A ideia era essa. E ela gerou também a revista *Bill* [referência ao apelido de William

Burroughs]. Depois de 2014, talvez em 2016, o Rogério de Campos, da Veneta, me perguntou se eu tinha editora para publicar aquela história. Aí eu tive que fazer porque tinha uma editora para publicar. Se o Rogério não tivesse conversado comigo na ocasião, talvez eu tivesse deixado quieto porque a ideia era fazer no site e lá a história não tinha sido concluída. Para fazer o livro, tive que recomeçar de onde tinha parado e transformar as tiras em formato de página.

Diana Joucovsky

Quando eu chegar lá, aquela filha da puta vai se ver comigo. Capaz, não, certeza que ela vai querer me coagir em público, e eu vou virar as palavras dela contra ela, ué, tem uma loja só de Tupperware aqui? Será que eles estão contratando? Como seria trabalhar numa loja de Tupperware? Não deve ser uma loja, deve ser um call center, mas quem ligaria para consertar um pote de plástico? Já passamos pelo mercadão e eu ainda não preparei tudo que vou falar pra ela. Um é dois, dois é três, promoção do Twix aí, pessoal, Suflair por quatro reais e na promoção leva dois por seis, hein, pessoal, um minuto da sua atenção, por favor, peço a ajuda de vocês, estou desempregado e preciso alimentar minha família, motorista, vai descer! Como esse rio é fedido, será que essa mulher está grávida ou só tem uma barriga gorda? Se eu levantar e falar para ela sentar e ela não estiver grávida, vai achar uma ofensa e, pior, vai pegar meu lugar, e eu não quero arriscar ficar em pé nem fodendo, mas se ela estiver grávida e essa cara que ela está fazendo para mim for de reprovação, ou essa é a cara natural dela como dessas pessoas que tem cara emburrada por natureza e barriga gorda? Nessa velocidade, a gente vai chegar só depois das nove, oxe, e é verdade mesmo. Mulherzinha idiota, agora ele vai sair atropelando os carros e tomara que você morra primeiro se der um acidente, vai dando um passinho para trás aí, pessoal, por favor, passinho para trás. A porta nem fecha mais e ele quer enfiar mais gente, olha os caras pendendo pra fora! É, mas cada passageiro é um pão na mesa do motorista, cacete, Jeferson, só o que me faltava, já era pra ele ter engasgado de tanto pão do jeito que é gordo. Meu Deus do céu, o que aconteceu? Ele caiu? Motorista, para, motorista, o moço caiu, meu Deus, não vou nem olhar. Que aconteceu com ele? Segue viagem, motor, mais de cem pessoas e vai parar por uma, meu? Segue viagem, motor. Ajudando a Fundação, você receberá esse kit que contém uma caneta, olha, pessoal, uma caneta, essa carteira plastificada para você conservar seu documento e ainda um livro de parábolas para as crianças, só dois reais e você vai estar contribuindo para que um jovem se livre das drogas. Deus é mais, toma aqui, moço, Deus te abençoe, minha senhora, ah não, será que ela é velha o suficiente para eu ter que dar meu lugar ou deve ter seus cinquenta e poucos, qual a faixa etária disso, afinal? Pode ficar, já vou descer. Está certíssimo, ele é homem, entre eu e ele, é ele que tem que ceder o lugar ou isso seria sexista de alguma forma? Me dá aqui que eu seguro sua bolsa, de nada, que cheiro de McDonalds, eu queria um McDonalds, mas nunca que eu conseguiria descer agora. Ainda não fechou a porta, será que ninguém vê isso, Jeferson? A gente tem polícia pra quê? Não devem nem ter feito alguma coisa sobre o cara, ele caiu sobre o próprio braço no meio da merda da rua, imagina a dor e o perigo disso! Se ela vier usar a Bíblia como argumento, vou dizer que o Diabo é o pai da mentira e ela é uma grande mentirosa, isso, talvez não tenha um SAC da Tupperware, mas um polo administrativo, será que eles estão contratando recepcionista, será que tem que entender de vendas?

SEU NOVO PORTAL DE CULTURA



**OUÇA.
LEIA.
ASSISTA.**

cultura930.com.br

Rádio Cultura
CURITIBA 93.0KHZ



HAND LUGGAGE, o segundo romance da autora Cristina Bresser de Campos, foi lançado em inglês pela editora canadense Ricky's Back Yard/ Czykmate Productions em agosto de 2018.

"Hand Luggage explores the interpersonal relationships that we all face in our life. It isn't a story of victimhood, but a celebration of survival and a renewal of life." Lamar Jenkin

www.rickysbackyard.com/product/hand-luggage-cristina-bresser-de-campos

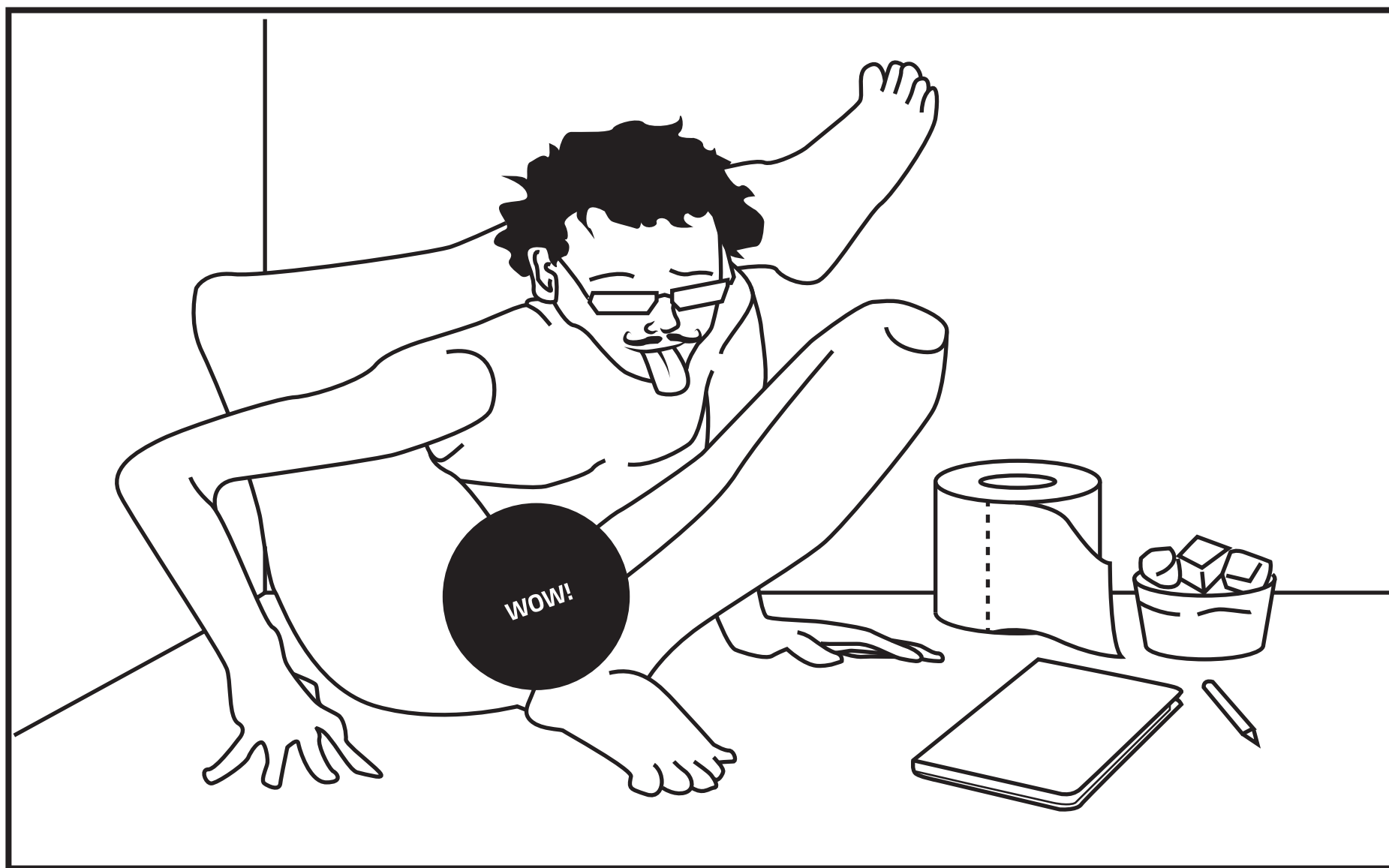
Corpo poético

Kamila Oliveira

O corpo como experiência. Lugar de recordação. Condutor. Trânsito. O corpo como um primeiro vislumbre. Que flui assim como. Flui no papel, a água. O corpo como lugar, casa. Onde jaz o âmago. O corpo flui, repousa. Se contorce, se abre. Conforta, nutre. Dói. O corpo, livro. Com suas marcas e sua trajetória.



ESCRITOR É ENCO APÓS TENTAR CHUP



O corpo do escritor foi encontrado em uma posição pouco ortodoxa acompanhado de um copo de uísque, alguns rascunhos de poemas inacabados e um rolo de papel higiênico folhas-duplas perfumado (Foto: Reprodução).

CONTRADO MORTO AR O PRÓPRIO P@U

RIO DE JANEIRO-RJ — O escritor Tato Giaccherini, 36, foi encontrado morto em sua residência na tarde desta terça-feira (25). Tudo indica que Giaccherini, formado em Letras, vinha tentando realizar a prática de autofelação. Do sucesso de seus esforços depende a causa da morte: ainda não se sabe se trata-se de afogamento — com o próprio esperma —, desidratação — pela perda de esperma —, infarto — de emoção pelo esperma exitoso — ou mera quebra de pescoço à procura do próprio esperma.

O corpo de Giaccherini estava em posição grotesca quando foi localizado na casa de seus pais, na zona sul. A doméstica Luiza, primeira a avistá-lo, pensou que se tratasse de mais uma de suas performances. “Da última vez que eu o interrompi, ele jogou café na minha cara. Continuei aqui porque fiz um acordo com a mãe dele”. O ativista Paolo Laricca, melhor amigo do escritor, lembrou desse episódio aos risos: “ele era desse jeito mesmo: genioso, passional, intenso”.

Junto à carcaça dobrada e gozada de Giaccherini, a polícia encontrou rascunhos de poemas do autor, alegadamente sua última leitura antes de morrer. Ele os compunha em uma máquina de escrever — “a internet distrai”. Foi nela que o autor escreveu o livro de contos *Relatos do eu quebradiço às 18h precisamos nos mover querida tireoide*, à

época descrito como “pungente, profano, subversivo: uma panaceia contra tempos sombrios” em um jornal literário local.

O livro de 222 páginas — “somos todos pares” — não utiliza nenhum verbo — “verbos formam orações; orações são superestruturas opressivas de uma dominação pueril porque invisível” —, tendo sua primeira edição de 100 exemplares esgotada logo no lançamento, na hamburgueria The Old Buk — o livro podia ser adquirido no “combo 2”. Alguns clientes se surpreenderam quando exemplares de *Relatos do eu quebradiço às 18h precisamos nos mover querida tireoide* foram entregues ao lado do chopp APA e da porção de onion rings.

Seu último romance, *Súbito lampejo de um gotejar tardio*, ganhou o prêmio do Sindicato dos Carteiros de Botucatu. “Meus personagens são os heróis do cotidiano: vida e poesia são uma coisa só; um grande não-ser eterno e imutável porque efêmero e em constante mutação”.

“Nosso filho era definitivamente um bosta”, relata a mãe Odélia. “O enterro é minha última despesa com esse verme”. No funeral, oito colegas de Giaccherini leram os próprios versos. Uma coletânea poética do autor — *Confissões da dicotomia entre a sombra e o breu* — será lançada mês que vem pela editora Fast Print.

The astounding

Laercio Silva

servem sirvam-se façam fazer sem
serventia, te desejam deletam deleite
delegas em pré-programação, te aceitas
enfim — não te questionas... não...
pensas e pensa por TI idólatra toleras
/ entusiasta e *voyeur* bile do macaco
na mecatrônica antropomórfica
dos novos tempos = não te
questionas = não tarda e não falha
§ caralho titânico de NnAaPpOoL-
lEeÂãOoaCEZARCZAR ASSAZ
zelas zelaras? De===réplicarreplicante_
adiante...INATANTES_INSTAURAA
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAAAAA.:
o tido :AMOR NÃO TRANSPASSA
E NÃO PASSA DE UM
ATO=LIBIDINALIBERTAS.
Constroem das suas emoções sozinhos,
para além da solidão humana e, da
condição mundana na mundividência
super-homem de Nietzsche em
Asimov são profetas do Antigo
Testamento*testando a fê em si
a-genuína mãe das invenções basta
vociferam... EDOARDO se tu fosses
uma máquina maquinal e MAL o que
serias de ti se sem VOCÊEUENÓS?
? ? As emoções são verbos se de hoje
em dia que podemos negociar com
nossas vãs tecnologias cá concebida
/ era lírico refém do MARaMAR
e daquele Homem-máquinaL um
OUTSIDER livro; personaLIDADE em
HD de como te quero escravo robóti-
co a me satisfazer em realidadevirtual
AUFERIDA virtuosedoreal
crívelverossimilhança infalível como
um PAPApapindobulasPAPAIS, vida
em continuidade lógica na casuística-
de-tempo-e-espço bucatacuerola
/ = / – de detalhes vil não visíveis
transmissíveis, que detectam como+=
salitre no cu do alheio dos outros
não no nosso é refresco fresco como
em expostos epidérmicos ecos eis
em_edoenças infecto-contagiantes
agentes que internet cadeia global dos
signos sem patentes contato feito faz
orgásticoogivaorgiástica anti-óvulo
com a realidade ser NÃOVAI vá
não vai NÃOVAIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII-
IIIIIIIIIIII
avanteares avante avatares a-ver
haver hádiante avant-es/in-guardian
havanço em/de aparência PARECE
ser e paraeparemeta-humana —

hodiernos hoje os invólucros /
de%fora=para#dentro/armazenam
feitura frontal faz em sua capacidade
/a/ incapacidade do cérebro — meta
humano humanoides de aparência
humana habitáveis e
humanizados em detalhes de
personalidades personas por personas
peça simulando simulacros simultâneos
consciência sem inconsciência num
corpo robótico em estimativad___X___
vida, imperecível; transhumanistas---
transsubstanciados;
remotamentecontroladona
interface cerebral computadorizada
transplantando no final daa carnecerne
a sevcia sistema autônomo, ativa, capaz
de sustentar avatar avante aviltados
e, com personalidade personalíssima
perse num download digitalizado avatar
digital não há corpo físico a física de
amanhã é um pedal holograma διαίρει
και βασιλευε E Joseph Mengele CRIA
DE TUAS CRIAS A CARTILHA
LIDA QUE NÃO SE LIA? LIDA?
QUE NÃO SE LIA LIDA QUE NÃO
SE LIA. LIDAS???
????????????????????????????????
??????????
NÃOVAI_____NÃOVAI

.....
.....
EMBORA, ESPERA. O COMBATE
TE AGUARDA qual ele é.: claudi-
cante troço de sentido no computador-
tradutor-universal, EDOARDO
ARda leve retransplicado seuuuuu
imensodiadiaspóra---protótipo-sexual
servil que o é ser neurotransmissores
artificiais artificiosos ARTe no Vale
do Loire duma usina europeia vazam
ópio a guerra! Da secessão na Chynã.
Repõem-nos num primitivismo QUE
A TEORIA DA RELATIVIDADE EM
SEU servente servil de
COSMOPOLISTISMO NÃO
SABERIA bem se... na viga
de premonição temporal de
exoesqueletos atemporalpara.: o
pós-humano COLONIZAR>>>
nopassadofuturistificado os seus...
QUANTUMNEXUS EDOARDO
não está mais entre nós sexo a YINzero
YANGum *****

KALIYUGA.....

Por que ler os clássicos

Pedro Tostes

Poema integrante de *Na Casamata de si* (Editora Penalux, 2018)

É que hoje os dias
são mais breves e
a cada passo se estreita
o precipício.

E a vida às vezes
bate firme
e é preciso ter
pescoço duro
pra não ir a
nocaute.

Não se deve jogar
esperando ter o
nome em uma placa
dourada brilhante.

Um diamante é
sempre rígido e constante
e mesmo bruto
carrega em si o peso
de sua glória.

Pois mesmo que falsários
escondam do sol a
sua luz
a chuva sempre lava
a terra e após a
enchente dentro da lama
a vida guarda suas
sementes.



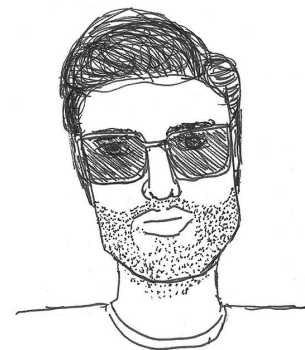
Se as páginas pudessem ser de pele, não seria preciso descobrir porque goza o poema. Toda especulação em torno da relação entre arte e prazer teria seu fim se nos livros pudéssemos sentir textura e calor de um corpo que escreve em si. No lugar de palavras, braços, pernas abertas, cruzadas, fechadas, que vão saindo obra afora e se confundindo também com o corpo do leitor — alvo da relação que se insinua. No lugar da revelação de um sentido, a produção de uma interminável cadeia de sensações faria o poema acontecer; leitor e poeta exaustos afinal.

Engana-se quem pensa que enquanto lê não está gozando junto, procurando uma posição mais confortável para encontrar seu prazer, mesmo que não exista conforto nenhum no sexual de que é feita a arte. Raro é esse momento da entrega ao desejo do corpo, assim como é rara a manifestação irrefreável do desejo poético. As páginas desse livro não são de pele em sua realidade material, mas a maestria com que o poeta oferece seus versos como partes de corpos inebriados de prazer, faz-nos pensar que sim. A raridade está nas mãos de William Soares dos Santos e na poesia que evoca ao tocar tantas silhuetas, enquanto produz sua arte e transforma em obra-prima um organismo que não para de se contorcer, agora do lado de cá, pronto para entrar em nós e nos deixar, também, desejar a sua entrada.

Morgana Rech

www.editoraurutau.com.br

TribalTech 2018: as nuvens sob o galpão



ROLÊVOS –
Mateus Ribeiro

Eu só fui em duas TribalTech. As duas últimas TribalTech. Isso não me qualifica como um especialista para descrever o evento, que atingiu sua honrosa 24ª edição em 22 de setembro. O festival existe desde 2004: sou, portanto, um novato.

A essa altura, com o nome já bem consolidado, é fácil colher histórias de participantes sem ir muito longe. Há aqueles que não perdem uma; há aqueles que transformaram a TribalTech em um ritual; há aqueles que se cansaram e preferem não ir; há aqueles que detestam, mas continuam indo.

Sua mais recente edição, *Enlighten*, ocorreu na Usina5, no Prado Velho (um bairro de Curitiba, para nossos leitores nacionais). A edição do ano passado também. A Usina5 consiste em uma fábrica abandonada da Açúcar Diana. Esse bairro abrigava algumas fábricas antes de Curitiba ter a Cidade Industrial à sua disposição e empurrar poluição para cidades vizinhas.

Os esqueletos destas fábricas permanecem, e assim são compostos ambientes otimizados para a música eletrônica. Durante a Copa do Mundo, por exemplo, a Budweiser decorou outra fábrica abandonada no Rebouças, um bairro próximo. A Usina5 é espaçosa — inteira, tem 60 mil m² — e vem recebendo atividades desde o ano passado. A última Oktoberfest foi lá.

Dessa vez, utilizando uma maior área em relação à última TribalTech (*Escape*), nele foram montados sete palcos mais um secreto. A entrada, que

na última edição emperrou muito, foi redirecionada e agora fluía bem. Constatei a evolução ao passar pela revista e ouvir as caixas de som mais de perto às 18h e alguma coisa. A festa havia começado às 14h.

Trafeguei por todos os palcos. Naturalmente, cada um seguia uma linha. Abusando das caricaturas, pode-se dividi-los por arquétipos, como o 3DTrip, único ao ar livre, dos entusiastas do *trance*, *psy* e *prog*; o Timetech, dos pedantes que louvam minimal romeno; o Supercool, mais suave e propenso a um *house* alegre. O principal não era nenhum desses três. O primeiro palco em que parei também não. Este, o menos eletrônico, receberia apenas três atrações — shows — ao longo da noite: Planet Hemp, Karol Conka e Mano Brown. Não abri mão da primeira delas.

Tenho todos os CDs do Planet Hemp, comprados na pré-adolescência. E os primeiros de Marcelo D2, Black Alien e BNegão & Os Seletores de Frequência. Antes de comprar este último (com a Revista OutraCoisa), encontrei o e-mail do BNegão em algum beco do universo pré-ADSL e perguntei a ele se era seguro... comprar o CD dele pela internet. Eu tinha 12 anos. Ele respondeu afirmativamente com notável educação, então ainda o respeito por isso. Também me lembro de ver um show dos Seletores antes de uma prova de matemática em 2008.

Enfim, o Planet Hemp me traz uma enorme memória afetiva — e eu sequer gosto de maconha. Para surpresa de ninguém, o show foi excelente: poucas bandas brasileiras dispõem de tanta verve. A bateria é energética, o baixo tem groove, a guitarra é puro wah-wah e você ainda recebe Marcelo D2 e BNegão comandando o espetáculo.

Não assisti ao final do show, pois me movi para o Timetech para conferir Sammy Dee às 20h. Havia espaço para se locomover. A iluminação não era lá muito surpreendente. As laterais, cantos VIP para ingressos mais caros e/ou convidados muito importantes (eu), felizmente ocupavam pouco da área. A decoração oferecia uma grade em frente ao DJ, ideia simples, porém bem executada naquele galpão cinzento cujas duas entradas precedidas por grandes escadas desafiavam os menos sóbrios ao longo da noite.

Em se tratando de música com poucos elementos, o set deste alemão com cara de contador exigiu concentração. Os primeiros noventa minutos foram mais monotonais — uma batida infinita, hipnótica e um ou outro detalhe sutil. Os sessenta minutos finais cresceram e ganharam melodia: a última meia hora foi fantástica. Meu corpo acelerou.

Depois dele, Vera, também alemã, deu sequência, demonstrando algum incômodo com o sistema de som. Aproveitei para conferir o começo

de Mano Brown (Boogie Naípe), uma banda numerosa, uniformizada e repleta de metais. Carismático — e carregando uma bengala —, Mano Brown os conduzia. Uma belíssima apresentação cuja metade final não vi.

Sabendo que voltaria ao Timetech, explorei os outros palcos. No Supercool, Medlar comandava a festa, mas eu apenas conseguia prestar atenção no boneco gigante ao fundo do palco. Articulado (em cotovelos, coxas, joelhos, pés e mãos), este cabeçudo de mais de três metros dançava conforme seus fios eram puxados pela plateia. O boneco merece uma descrição melhor, mas esta é vaga o suficiente para indicar que o negócio era realmente muito legal.

O palco aberto dispunha dos efeitos visuais mais cativantes (afinal, ninguém ganha o nome “3DTrip” à toa). Fábio Leal liberava um *psy* cósmico que frequentemente me lembrava da abertura de Doctor Who. Fiquei cerca de meia hora ali e voltei ao Timetech, onde o uruguaio Nicolas Lutz começaria. Antes disso, encontrei o palco secreto.

Uma dúzia de metros quadrados para uma dúzia de pessoas, anunciada pela entrada afunilada, discreta, próxima aos banheiros químicos, concretizou um belo acerto. Era íntimo e honesto; um espacinho abandonado dentro de um festival montado dentro de um espaço abandonado. Nesse iô-iô de hiper-realidade, aqueles que passaram

mais tempo lá não se arrependeram. Gostaria de ter visto Renato Cohen. Perdi.

A estrutura da Usina5 oferece aquela atmosfera charmosa (porque irreplicável) do abandono. Um refeitório abandonado; uma piscina abandonada; um galpão abandonado — espaços degradados naturalmente e agora revividos apenas para o entretenimento de quem quer ouvir música alta. Derrida talvez chamasse esse encontro com fantasmas de hauntologia. O que não diz nada, porque Derrida era um filho de uma puta de um ilegível.

Apesar de cansado — e de, a essa altura, já ter urinado cerca de dez vezes os vidros de 15 reais de Itaipava (...) —, eu estava gostando de Nicolas Lutz. No entanto, uma nuvem negra atingiu a TribalTech. O que é parte metáfora, parte literal: o aeroporto de Curitiba não liberaria a aterrissagem do voos fretados de Len Faki e Dubfire (SP, festival XXXperience) e Modeselektor (RJ), as estrelas da noite.

Some isso ao fato de que a última atração do 3DTrip, que já encerraria mais cedo, foi cancelada. E que Guy Gerber, outro headliner, havia cancelado no dia anterior, alegando ter perdido os documentos antes de viajar. E que SIT, uma das atrações mais empolgantes, havia cancelado na semana anterior. Pronto: parecia a convulsão do Ronaldo na véspera da final da Copa de 98.

A informação correu rapidamente.

Os palcos foram rearranjados. Parasole, que tocava no Timetech, foi deslocado para o principal, no qual Ben Klock se estendia. Assim como o brasileiro Gabe, ele iria para São Paulo e também teve o voo cancelado.

Compreendi a expressão *bad vibe*. O som abaixou — seriam as reclamações locais? —, as pessoas se perderam, as reclamações começaram. Especialistas em aviação e meteorologia surgiram de banheiros químicos. Fui atrás do Parasole. O palco principal era longo demais e a pista VIP ocupava um espaço considerável. Do fundo não se ouvia tudo; à frente era difícil chegar.

Não insisti e passei meus minutos finais no Supercool, com o americano Fred P, lamentando a sequência azarada de um evento estruturado e organizado — muito mais do que no ano passado — a 15 minutos da minha casa. Não tenho argumentos sólidos para classificar como incompetência. A Itaipava a 15 reais é um pecado menos perdoável, embora talvez menos lamentável, do que a caída aeronáutica em um procedimento corriqueiro neste contexto — isto é, o fato de que DJs fazem múltiplas apresentações por noite e se deslocam em cima da hora.

Com esta praxe, todos saem ganhando: o DJ, o evento apto a escalá-lo e o fã interessado no evento. Do ponto de vista logístico, apresenta riscos. Ninguém quer vivenciar a mutação do risco em problema. Muito

menos o fã, parte livre de culpa, cuja frustração é legítima após investir dinheiro, tempo e expectativa. Enfim, as reclamações sobre o som me parecem mais justas.

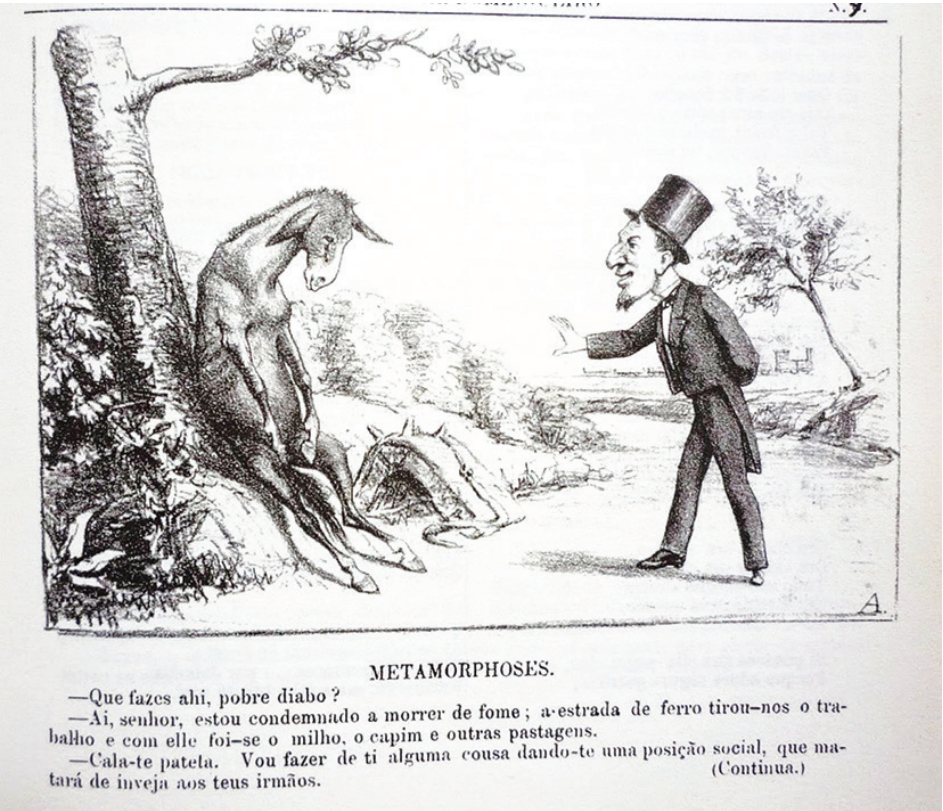
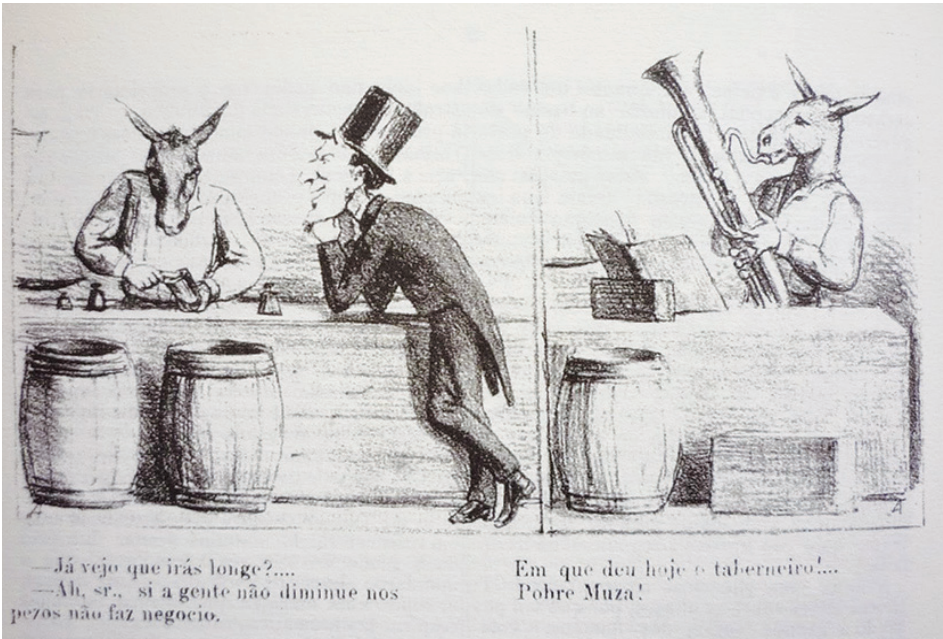
É natural que as pessoas daqui tenham uma relação intensa, positiva ou negativa, com a TribalTech. Isso acontece em qualquer cenário de qualquer ação cujos participantes estão próximos dos organizadores. Outra eterna discussão corresponde à possível perda do valor artístico em prol do valor comercial, corolário temático que certamente não desenvolverei. Que o festival paranaense seja comparado com similares maiores, em todo o caso, é um ponto a ser respeitado.

A TribalTech, hoje, claramente acolhe bem o participante casual, propenso a ver naquilo a experiência de uma balada melhor do que a noitada média, o que talvez afaste (e, com sua razão, incomode) o público mais apegado à música eletrônica enquanto identificação pessoal. Nesse vórtice complexo, entusiastas se afastam; curiosos se aproximam; gentrificadores reclamam de gentrificação; todo mundo está certo; todo mundo está errado e na realidade objetiva eu preciso tomar banho e dormir.

Entrei em um táxi. Cheguei em casa, urinei pela décima terceira vez e encontrei na água quente do chuveiro a minha redenção irreplicável. Dormi bem. Almocei o *fast food* mais porco ao meu alcance. A vida seguiu, ou tem seguido.

Diabo coxo

Diabo Coxo, de Ângelo Agostini (1843-1910) e Luís Gama (1830-1886), foi um jornal de humor e de literatura editado na província de São Paulo entre 1864 e 1865. Domingueiro, tinha 8 páginas, sendo 4 de ilustrações. As caricaturas tinham como estratégia a interpretação de fatos sociais e de conflitos de classes, apresentando as diversas tensões que compunham esse Brasil doido do século 19. Teve 24 edições.



A orientanda

Rafael Estorilio

Suellen tinha ares violentos de mulher já que era uma esguia encaracolada. Era alta e tão esculturalmente criada que assustava as outras. Por onde passava quebrava pescoços. Vestia botas e sandálias romano-bélicas, mostrava os esmaltes dos pés e decotava-se, muito. Era ateniense em guerra.

A beleza, assombrosa? Excessiva. As sobranceiras, o exagero. Pornográfica. Mas, curiosamente, nunca deselegante. Estudante de Direito do penúltimo período, me disseram: não estava na profissão certa. Eu dizia, estava na profissão certa até demais. Ela era boa e feminista, falava como um ventilador.

— Professor: eu quero a orientação do senhor para a minha monografia.

Altair, penalista pleno, conhecedor da legislação jurídico-penal e da jurisprudência pátria, da doutrina alemã e da filosofia da linguagem. Homem decente. Da gravata vermelha. Talvez magistrado, talvez advogado. Era sério, estudara em Alemanha, sim, falava neste sotaque, em Munique, conversava de segunda a sexta-feira com figurões, falando com sotaque, corrigia a pronúncia e brigava com

os penalistas brasileiros. Artigos publicados, Lattes infindável. Ironia com os cursinhos. Um estranho, assexuado, adorável.

— Veja, Suellen. Eu preciso de um projeto concreto, pesquisa acadêmica eficiente que te dê aptidão para orientação minha.

— Aptidão, como assim, aptidão? Eu quero escrever sobre estupro.

A resposta rápida navalhava o vento. Nesta microssala de paredes plásticas já havia a atmosfera de suspense. As vozes faziam um pequeno eco, engraçado, no desandar deste diálogo. Onde já se viu, Suellen falando sobre estupro de modo acientífico!

— Muito bem, a parte especial do Código Penal é sempre tema de interesse, embora não seja adequadamente enfrentada pelos acadêmicos domésticos.

Domésticos?

— É preciso discutir as alterações recentes, o fim do atentado violento ao pudor e a unificação do conceito de estupro. Mas eu quero que você faça na introdução a analítica sobre a teoria do crime.

— Não, professor — interrompeu no momento certo — eu só quero falar do estupro, só isso. Do ato.

O silêncio de Altair era interrogativo.

— Eu quero que o senhor me estupre, na verdade. Minha monografia vai ser sociológica, sabe, assim, sociológica?

Ela mastigava chiclete como vaca, lenta, e colocava “assim” em todas as frases. Ela portava cheiro perfumado de pinhão assado, de proteína e de sexos.

— Quero experimentar assim o estupro. Ser plena conhecedora do assunto. Sofrer aqui, na sua frente. Sangrar. E só então, escrevo. Então me sinto apta para enfrentar o tema.

Altair indignado. Baixara a voz com a mesma competência com que levantara as sobranceiras. Bom olhar para os lados como um criminoso. Sentiu excitação, desespero, preocupação. Assim saía um pouco da rotina. Aproximou-se sorratoriamente de Suellen. Sussurrava agora. Era possível notar pelo cruzar de braços que Suellen, na verdade, o odiava.

— Essa ideia representa verdadeiro absurdo. Como ousa propor uma

infâmia destas a um penalista de renome, homenageado pela associação de criminalistas todos os anos? Pertencente à academia brasileira jurídica? Sou o amigo pessoal de autores citados pela Suprema Corte todo semestre. Quem disse que é necessário ser estuprada para tratar de estupro? Já imaginou o movimento feminista? Estamos no campo do dever ser, menina, simples assim. Estudamos a força jurídico-penal como ultima ratio, e por tudo isso nunca fui um abolicionista. Por essas e outras razões, jamais faria uma coisa dessas.

Altair era bom. Mas naturalmente ela odiava ser chamada de menina.

— Professor. Preste atenção. Todos os professores da casa sonham com meu pedido — Altair odiava a expressão "professores da casa", já que era a casa a que nunca teve coragem de ir jovial e espermógeno. Mas, naquele contexto, todos eram da "casa", certamente — Você deveria agradecer aos deuses pela minha proposta, é muito simples e perfeita. Todas as aulas o senhor está me assediando de forma sutil e finalmente tem meu aval. E eu não estou nem aí para este teu papinho

de teoria do crime, culpa exclusiva da vítima, concausas absolutamente ou relativamente independentes, e aquela expressão ridícula. Como é mesmo, tentativa, tentativa, "cruenta", cruenta! Tradução ridícula! Já percebeu, vai todo mundo pra Alemanha só para mentir que fala alemão e voltar fingindo que ensina os outros, lendo em espanhol, dando em cima de aluna porque se sente superior a ela. Mas quando a aluna pede para estuprá-la fica desajeitado. No fim, o que a sua racionalidade abstrata não percebe é que toda a doutrina desde Welzel até Belling só quer saber das pernas sólidas de alguma alemã de vestidinho. Pare de achar que faz realmente ciência no nosso contexto. Pare!

Agora Suellen tinha a atenção de Altair, finalmente em um equilíbrio que sua soberba não mais alcançava. Mostrava-se sábia, ou, melhor do que isso, esperançosa com seu tecido argumentativo. Mas Altair era demasiado sóbrio, quem diria para desafios, o rei da dialética e da contra-argumentação. E nunca se deve agredir a vaidade de um grande jurista. Suellen se levantou reproduzindo a força de seus cabelos:

— E digo logo é mais, a unificação do estupro só serviu para acabar com a tara judicial de nossas varas. O senhor deve fazer parte dessa bobagem. Estupro e atentado violento ao pudor. Coisas que todos percebem e nem todos falam, sendo que você não sabe nada sobre psicanálise. Tudo aquilo servia muito bem para o magistrado perguntar, de modo perverso: “foi anal, querida? foi só com a boca? Onde? Aponta com o dedinho, vai!” Eu, como vítima desde a infância, sei do que falo.

Altair sequer compaixão era capaz de sentir.

— Suellen, olha aqui, menina, isso é um desrespeito da sua parte com assuntos tão delicados. Isso é coisa séria, seríssima. E acho que você precisa procurar ajuda psicológica. Sou casado, e é muita injustiça dizer que fui para a Alemanha apenas por estética. Veja, eu sou pleno conhecedor do idioma. Sei todos os artigos. Me diga, vamos, me diga qualquer substantivo que eu te digo o gênero, se *der*, *die* ou *das*. E ainda te entrego cinco sinônimos decorados. Além do mais, traduzi vários artigos dos penalistas de maior renome. E nesta conversa sem sentido sobre tesão judiciário eu nem adentrarei o mérito.

“Adentrarei o mérito”.

A grande mania de Altair era a imposição verbal. Sempre no pedestal quando desafiado. Ego. Era engraçado Altair censurá-la mais por desqualificar o seu currículo do que pelo preconceito transversal em si.

— Eu não quero saber de nada disso, doutor, eu só quero que o senhor me estupe. Cometa o crime, aqui, agora mesmo. E eu garanto que não terá boletim de ocorrência, não terá inquérito nem ação penal, só o seu prazer e o meu sofrimento. Vou narrar meu sofrimento ainda em tempo de abuso às mulheres. Se o senhor achar ruim, procuro outro orientador. O senhor já tentou tantas vezes...

Ele amolecia vagarosamente. Nitidamente corrompido, finalmente.

— Suellen, eu sei que o núcleo de pesquisa costuma estar vazio. Ainda assim é um lugar em que qualquer um pode entrar.

— Eu sei. Por isso mesmo, se você me levar para sua casa não será estupro, se trata apenas de uma vagabunda fácil, como o senhor diz em suas aulas, embora eu não concorde com a nomenclatura. Quanta ignorância para um penalista que se sente germanizado. Só o que faltava, vou ter que discutir o ambiente com o meu próprio estuprador! Olha, me dá licença, esta ideia foi péssima, vejo que escolhi o homem errado. Com licença.

— Não, não, não, por favor. Espere — segurou-lhe o braço. Havia agora um nervosismo delituoso, fora de ritmo. Olhou para os lados, feito bandido-caubói. Suor por toda a parte.

Parou como que por colisão. Era cínica como toda atraente.

— Veja. Você quer que eu te estupe, certo.

— Certo.

— Para aprender mais sobre o ato.

— Isto mesmo.

— E então escrever uma monografia bastante empírica, sociológica, como você diz, sobre o assunto.

— Aham.

— Pois bem, ocorre que, se agora, aqui mesmo, eu abaixar as calças e estuprá-la, não será estupro. Crime impossível ou consentimento da vítima. Atípico. Ademais, nem dolo propriamente dito eu tive.

Sorriu como retardado.

— Olha, com todo o respeito,

professor, o senhor está me irritando — Cuspiu o chiclete no lixo, o que demora séculos antes de fazer aquele som, a orquestra de queda na lata metálica. Quantos dizeres no silêncio. Virou a cabeça mais selvagem agora — A grande verdade é que o senhor, o doutor, ou melhor, você — Ah, que agonia, pronomes de tratamento neste nosso universo. A grande verdade é que tu é cabra covarde. Sabe que não aguenta cinco minutos com meu par de virilhas, morre de medo de me ver descendo do salto, nua e violenta, espanholamente violenta. Quem dirá se exigir de você alguma agressividade, digna de um fingimento de estupro decente. Você teme a tudo que foge do ordinário, seu ordinário. Quer seu lirismo funcionário público com livro ponto de expediente. "Poética" são os versos que Bandeira escreveu para você, mesmo, especialmente para os humanos clonados que te assemelham. Raquítico, sifilítico. Enfie seu *vade mecum* cheio de certezas no rabo. Quer salário fixo, vida monótona, seu conforto, seu nada. Enquanto, na verdade, sonhava era em ser livre, tirar a gravata, virar advogado do Sindicato das Prostitutas de Amsterdã, andar só de bicicleta em Maastricht, criar um blog e escrever poesia o dia inteiro, ganhar dinheiro com literatura e ler Marx de verdade. Mas não. Vive aqui, monolítico e miserável, sonhando riquezas. E quando alguma aventura admirável lhe aparece, me vem com esta justificativa de atipicidade penal. Sabe o que é pior? Morre de seus próprios desejos reprimidos. Toma água de coco e finge que medita!

Naquele dia ela descobriu como convencer um jurista sério. Naquele dia descobriu como se rendia um penalista de renome. Humilhava sim, o fazia arrastar sangrento, de modo sádico.

— Vamos terminar logo com isso. Vou te orientar. Trancou, devagar, girando a fechadura da sala de plástico, as expressões maléficas eram de criança. Pela primeira vez, Altair demonstrava força e agressividade. Gritou:

— Vou estuprar você!

— Agora eu não quero mais, seu depravado. Vou gritar, Vou gritar, viu. Vou escrever sobre Juizado Especial. Com licença.

Altair entendeu que aquilo faria parte da encenação e forçou-a com intensidade contra as paredes, arrancando as roupas curtas que, para ele, justificavam sua facilidade. Sentindo o cheiro forte e doce

Era possível notar pelo cruzar de braços que Suellen, na verdade, o odiava.

do perfume feminino íntimo, do hidratante, arrancou seu sexo pequeno com a violência das calças. Suellen ria por dentro, mas se debatia com força e desespero na encenação, a transmitir um filme de terror que cansou Altair e o fez refletir sobre o prosseguimento. Parecia tão perfeito quanto real. No preciso clímax do momento inicial em que era sugado pela intimidade aquecida e lubrificada de Suellen, sentiu o forte impacto na cabeça, as pernas formigaram para acabar adormecido no chão. Suellen pôde correr, fugindo depressa.

Ela defendeu mais tarde sua monografia sob o título “Técnicas argumentativas e de oratória diante do paradigma kantiano do imperativo categórico: uma análise circunflexa da esfera pitoresca e da dialética erística a partir dos desafios probatórios do Tribunal do Júri e a inutilidade do direito penal material”. Foi aprovada com louvor e diante de forte presença da mídia, já que Suellen se tornara pivô de resistência ao abuso sexual. Registrando o ocorrido com Altair meses antes perante a autoridade policial, durante a perseguição criminal ficou registrado que Suellen havia filmado apenas o final do ato e as respectivas agressões. Altair, com todo seu conhecimento jurídico de teoria penal, foi condenado por estupro, sem conseguir provar nenhuma excludente de tipicidade, antijuridicidade ou culpabilidade. A pena máxima doeu menos do que a sátira midiática de sua versão defensiva no processo, a de que a aluna havia pedido o tempo todo para ser estuprada por seu abusador.

Eu sabia que ela estava na profissão certa até demais. Altair nunca mais dormiria.

Naquela época

Julia Bac

ainda não uso óculos
não uso bengalas ainda
não tenho tatuagens ainda
ainda não tinjo os cabelos
hoje tenho apetrechos que antes não tinha
tenho três cicatrizes
naquela época
só duas
uso três brincos
naquela época
cinco
rompi alguns ligamentos
naquela época
ligamentos perfeitos
tenho dois parafusos de titânio
naquela época
nenhum
o joanete ainda dói
como naquela época
um cão está ao meu lado agora
é outro cão
não o daquela época
me sinto sozinha
talvez menos
que naquela época

Mariana Salomão Carrara

Trecho de *Fadas e copos no canto da casa* (Quintal Edições, 2017)

Eu tenho pressa e esse senhor me contando da guerra e tentando terminar sem desfalecer. Pede pra eu lhe puxar os cabelos do peito e eu aproveito pra olhar o relógio. Lauro, Lauro... Você vai chegar e eu ainda fedendo a naftalina. Quando eu era pequena, tinha vontade de sair de saia sem calcinha, mas meu avô só queria que eu fosse à escola, nada de ficar sem calcinha. E eu chegava na aula e a professora me mandava escrever “exceção” noventa vezes e sentar de perninha fechada. E agora esse homem demorando horrores, fazendo essa cara retorcida de esforço, a saliva acumulando no canto — deve ser naquele canto caído que ele apoiava o cigarro. Ainda apoia, agora já não vale a pena largar.

Eu tinha um medo terrível das profissões que deslumbravam as garotas, imagine eu de salto fino bamboleando nos vãos das calçadas com uma pasta desmanchando de papéis na frente dos seios, dizendo meu-cliente-é-inocente.

Meu cliente é muito culpado! Culpadíssimo! Só gosto mesmo é desses que vêm com o passo arrastado, como se a família segurasse os pés por uma corrente invisível. A família é a corrente fundamental. Depois vêm esses meninos que não conseguem nada e saem mais culpados, culpa, quanta culpa no sexo das pessoas. Descanso o velho nesse travesseiro puído e estalo um beijo na testa, ele gosta de segurar a minha mão, mas hoje eu quero que ele vá embora, o Lauro estoura de ciúmes, muito aborrecimento. Meu avô queria me ver de salto fino e aqueles ternos

QUER UMA IMPRESSÃO ESPECIAL?
Imprima em Letterpress & Tipografia.


imprimimos
nessa
belezinha



ALMA GRÁFICA

TINTA, PAPEL
E PRESSÃO.

41 987 656 996
ALMAGRAFICA.COM.BR
ale@almagrafica.com.br



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



www.editorapenalux.com.br
[facebook/penaluxeditora](https://facebook.com/penaluxeditora)
- de 50 mil
curtidas
Penalux

Envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **600 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.



Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.

de mulher, a escola, a escola. Terno de mulher. Trabalhar grande parte do tempo deitada, esse é o prêmio, deitadinha deitadinha.

Vou vestindo o senhor e ele vai ficando distinto, hoje é o dia do coral dos netos, quer comprar chocolate pros meninos. Deve ser daqueles avôs que têm horror ao chocolate nas mãos, limpa, limpa aqui!, o lencinho sai do bolso desesperado antes que a criança encoste em alguma coisa. Meu avô sacava o lencinho e eu virava a cara e enfiava os cinco dedos na boca e lambia rindo na mais doce das subversões.

Agora eles querem que lamba tudo, nada de lencinho. Mania que eles têm de boca. O corpo deles ocupando todos os espaços, entrando por todos os lados, invadindo e preenchendo o estômago, depois deixam o dinheiro e vão embora como se tivessem fixado uma bandeira na lua. Dentro da lua.

O Lauro já vai entrando e me abraça como se eu fosse a irmã que ele visita no estrangeiro, depois tira minha roupa como se eu. Como se eu fosse a irmã no estrangeiro, desconfio muito dessas irmãs no estrangeiro, o Pedro tinha uma que meu deus do céu. Ele me conta alguma coisa sobre uvas passas, mas me distraí pensando no Pedro e naquele cavanhaque ralo que arranhava meu queixo, o Lauro não tem cavanhaque. Só aqueles olhos verdes e a boca grossa dizendo UVAS PASSAS. O que será que tinham as uvas passas?, e ele tira do bolso um bilhete amassado com uma florinha mal desenhada e um telefone, o primeiro algarismo uma extensão cafona do caule; uma folha, talvez.

O telefone da mesa de trabalho, eu posso ligar, mas só durante o dia que à noite não adianta que vai ficar só a campainha estridente no meio da poeira dos livros, falou assim mesmo, poeira dos livros. Talvez seja lá que ele esqueceu as uvas passas, será que eram pra mim?

Vem, Bibi!, diz assim e me puxa pelo pulso, parece que vai puxar bem forte, mas no final eu vou parar no colo dele com um toque bem leve, e ele segura o meu

pescoço com as duas mãos grandes e enfia os dedos firmes pelos meus cabelos da nuca e ele beija tudo até sentir meu arrepio num frio gostoso... Gosto dele porque ele me lambe com essa língua quente, como uma língua pode ser tão quente? Depois vem tudo tão forte que eu tenho vontade de me enrodilhar naqueles pelos e me proteger feito um filhote na fêmea. Eu quero que ele fique, quero que durma, mas não vai dormir... Vamos, vamos, durma e se esqueça da vida, vai acordar só amanhã com o cheiro de sexo e o sol da janela e vai ver como é este lugar durante o dia, as vassouras, as meninas que choram, os clientes bêbados que não conseguem ir embora. Durma que amanhã você não vai mais poder voltar pra casa, vai ficar aqui e traduzir os livros aqui, o que é mesmo que ele traduz? Os contos tchecos, se quiser eu escrevo um conto tcheco pra você, aí já vem traduzido! Pode chamar a Prostituta e o Tradutor de Contos Tchecos, o que será que você acha disso? E as meninas podem dormir com você, deixo até a Lisa! Posso dizer que

também tenho um noivo, um noivo de verdade e elas vão querer, você vai ver, vão saltar feito loucas nesse homem deslumbrante! Ai, tubarão que não dorme e fica aí me olhando, eu não vou conseguir dormir se você for embora e eu não descobrir o que tinham as uvas passas.

Aposto que era a esposa, a esposa está tão velha que parece uma uva passa, é isso. Ou talvez tenha só reclamado da chuva que não passa, vai saber, veio todo molhado. Meu namorado, não posso cobrar do meu namorado... Pagaria, pagaria rios de dinheiro, a semana inteira de trabalho só pra trazer você aqui! Ele beija o meu ouvido e quando vê já foram três horas nessa cama morna. Levanta apressado e não gosto de vê-lo colocar as roupas, a mulher vai conferir tudo, é bom não esquecer nada.

Meu avô diria que o importante é ter um trabalho digno, mas meu avô era daqueles que usavam o lencinho, nada de chocolate nos dedos das crianças. É digno, Lauro? Hein, meu trabalho, Lauro, é digno? Ele disse que o importante é fazer o que a gente faz de melhor, ele disse e riu e depois me fez um carinho porque eu não ria. Não aceitei o dinheiro, não é trabalho, é amor. Eu compenso em outros horários, mas que horário se eu quero esse homem toda noite, meu deus. Ele sai apressado e me beija na porta, eu não quero mais cliente nenhum, Loba, hoje não, pelo amor da nossa virgenzinha santíssima, e vou molenga até a sala vê-lo bater a porta do mundo da fantasia. Na mesa da sala tem um pratinho cheio de uvas passas.

Susan Sontag

Trecho de *Diante da dor dos outros* (Companhia das Letras, 2003)

Mesmo na era dos cibermodelos, a mente ainda se sente, conforme imaginaram os antigos, como um espaço interno — semelhante a um teatro — em que nós representamos imagens, e são essas imagens que nos permitem recordar. O problema não é que as pessoas lembrem por meio de fotos, mas que só se lembrem das fotos. Essa lembrança por meio de fotos ofusca outras formas de compreensão e de recordação. Os campos de concentração — ou seja, as fotos tiradas quando os campos foram libertados em 1945 — constituem a maior parte daquilo que as pessoas associam ao nazismo e aos tormentos da Segunda Guerra Mundial. Mortes horrendas (por genocídio, inanição e epidemia) representam a maior parte daquilo que as pessoas retêm de toda a profusão de iniquidades e fracassos ocorridos na África pós-colonial.

Lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem. Mesmo um escritor tão impregnado pelos rituais da literatura do século 19 e do início do modernismo como W. G. Sebald sentiu-se motivado a semear com fotos suas narrativas de lamento sobre vidas perdidas, sobre a natureza perdida e sobre paisagens urbanas perdidas. Sebald não foi apenas um elegíaco, mas um elegíaco militante. Ao recordar, ele queria que o leitor também recordasse.

Fotos aflitivas não perdem necessariamente seu poder de chocar. Mas não ajudam grande coisa, se o propósito é compreender. Narrativas podem nos levar a compreender. Fotos fazem outra coisa: nos perseguem.

